

## “SER ADULTO”: ALGUNS ELEMENTOS PARA A DISCUSSÃO DESTE CONCEITO E PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE “ADULTOS”

NILCE DA SILVA\*

O presente artigo pretende discutir o conceito de adulto contrapondo-se à idéia de que tal período da vida constitui-se num “ideal” a ser alcançado pelas crianças. Neste sentido, a teoria sobre as etapas do desenvolvimento infantil de um dos principais psicólogos do século XX, o suíço Jean Piaget, é nossa importante interlocutora.

Ao seu lado, contaremos com as críticas feitas por Pierre Furter a respeito da idealização em torno do “ser adulto”, e também, com dados que coletamos durante nossa pesquisa de doutorado a respeito do processo de formação de (i)migrantes. Entendemos o adulto como um ser humano que enfrenta inúmeros percalços durante a sua vida, que apresenta instabilidades na conduta e no seu modo de ser.

Finalmente, apresentaremos uma definição de adulto, sobre tudo em situação de mudança de vida, respaldada na figura mítica do deus Janus, o deus da Porta, já que este apresenta-se como uma eterna passagem de um estado a outro, nunca abandonando o presente, nem mesmo abraçando o futuro, e assim, a idade cronológica de um ser humano e o seu respectivo envelhecimento não conseguem definir por si só o que é um adulto ou uma criança. Podemos falar apenas de “momentos de vida” que são experimentados pelas pessoas, alguns mais próximos do ideal de adulto que é veiculado em nossa sociedade, outros, mais próximos da criança, inclusive do lactente.

### CONTRIBUIÇÕES DE JEAN PIAGET: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO

Para dialogarmos com Piaget, teórico consagrado mundialmente por suas descobertas e afirmações a respeito do desenvolvimento humano, sobre tudo, em seus aspectos cognitivos, recorreremos ao livro “Seis estudos de Psicologia”, pois o mesmo apresenta claramente as etapas do desenvolvimento do ser humano, a saber: a- Recém-

---

\* Professora-Doutora na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Brasil.

nascido e o lactente; b- A primeira infância ; c- A criança: dos 7 aos 12 anos ; e finalmente, d- O adolescente.

Ao estudarmos as etapas na teoria piagetiana - do lactente até o adolescente - entendemos, em linhas gerais, que as características de cada uma delas não diferem das características que constituem os seres humanos, homens e mulheres dos nossos dias na sociedade ocidental, em situação de virada de vida, independentemente da idade cronológica que estes possuem. Ou seja, as operações cognitivas, os desejos, as afeições apontadas por Piaget, do recém-nascido ao adolescente, fazem parte do funcionamento mental dos "adultos". Sendo assim, ousamos dizer que a chamada idade adulta, longe de ser um período de gozo da aprendizagem, de equilíbrio e de estabilidade emocional, é composta por inúmeras situações que levam uma pessoa a agir, a pensar, a decidir de diferentes modos que podem ser extremamente parecidos com o modo de um bebê chorar pela mãe ausente, de uma criança de 6 anos que pensa que a Lua a acompanha, ou ainda, com a maneira destemida de um adolescente enfrentar a autoridade. Ou seja, afirmamos que não é o número de anos de uma pessoa que define como ela pensa ou age; é a situação posta pela vida, é a experiência que está sendo vivida, é o modo de conceber a realidade que definirão o modo de ser e fazer de um sujeito.

### O RECÉM-NASCIDO E O LACTENTE

Neste sentido, com relação ao primeiro período da vida do ser humano, *recém-nascido ou lactente*, Piaget afirma que ocorre a aquisição da linguagem; a formação de um conjunto de hábitos motores novos; a construção de esquemas de ação e a evolução do espaço prático. Além disso, para o ele, o bebê experimenta sentimentos elementares de alegria e tristeza, de sucessos e fracassos etc., com relação às pessoas e às coisas, originando daí os sentimentos interindividuais. Esta construção do « objeto », exterior ao bebê, pois faz parte da realidade, primeiramente, refere-se à pessoa da mãe, depois, ao pai e, em seguida, aos próximos; ou seja, a criança identifica as pessoas como simpáticas e antipáticas neste começo de vida.

Obviamente não podemos discordar que estas características iniciam-se nos primeiros dias de vida de um bebê, porém, as mesmas continuam a existir de modo pleno nas pessoas com 10, 20, 30, 40 anos, tornando-se evidentes em situação de *crisis*. De acordo com dados que coletamos na nossa pesquisa de campo de doutorado « *Falar, ler e escrever : um estudo sobre o processo de formação de adultos lusófonos em situação de pouca escolarização* », um estudo desenvolvido junto a três grupos de sujeitos (alunos de salas de Educação de Jovens e Adultos na cidade de São Paulo ; e,

estudantes brasileiros de pós-graduação em Paris e estudantes lusófonos da língua sueca em uma escola para imigrantes em Gotemburgo, como contraponto investigativo), afirmamos que todas estas pessoas, por estarem em situação de inserção em nova sociedade (que não a sua de origem) encontravam-se em processo de mudança de vida, ou seja, passavam por um « momento-charneira ». Estamos falando de:

a- *aquisição da linguagem falada ou escrita*: aprendizado da variante paulistana da língua portuguesa por migrantes na cidade de São Paulo; aprendizado do francês e do sueco nas cidades de Paris e Gotemburgo respectivamente.

b- deparavam-se com diferentes equipamentos (domésticos ou não) e para tanto precisavam formar um *conjunto de hábitos motores novos*;

c- construíam *esquemas de ação* na nova sociedade, evoluindo os seus espaços práticos : aprendiam a se mover na famosa estação de trem, metrô e ônibus de Paris, a Gard du Nord; aprendiam a andar de bicicleta nas ruas de Gotemburgo; aprendiam a tomar ônibus em São Paulo;

d- criação de *laços afetivos* com novas colegas de classe, professores, vizinhos... com pessoas que, diga-se de passagem, demonstram os seus sentimentos básicos de alegria e de tristeza de um modo diferente do seu próprio, ou seja, a forma de demonstrar o afeto se re-significava;

e- reflexão sobre « *sucessos e fracassos* » na nova sociedade (uma estudante de pós-graduação em Paris, de acordo com o seu depoimento, ao pedir dinheiro para a assistente social do bairro em que morava, pois a bolsa que recebia do Brasil era insuficiente para manter-se, questionava-se ao receber vale-alimentação, se tal situação poderia ser vista como fracasso ou sucesso, conforme seu depoimento);

f- construção, com relação a pessoas e coisas, *sentimentos interindividuais*.

E assim, afirmamos que a decisão de (i)migração e os momentos que sucedem a este fato, constituem-se momentos nos quais o modo de atuação revela-se extremamente parecido com o primeiro período de vida descrito por Piaget. Ou ainda, analisando, o nascimento de vida de uma criança, desde o nascimento, até a idade de 2 anos, afirmamos que ela, tal qual os sujeitos de nossa pesquisa, faz sua primeira (i)migração inserindo-se num mundo desconhecido.

## A PRIMEIRA INFÂNCIA

Nesta direção, com relação à *primeira infância (de dois a sete anos)*, a troca e a comunicação entre os indivíduos são a conseqüência mais evidente do aparecimento da linguagem. Surgem, neste período, segundo Piaget, interessantes fenômenos intrapsíquicos e intersíquicos. Tal é o caso do «monólogo coletivo» e do «solilóquio» nos quais em lugar de sair do seu próprio ponto de vista para coordená-lo com o dos outros, o indivíduo permanece inconscientemente centralizado em si mesmo. De acordo com o referido pesquisador:

«As crianças falam, mas não podemos saber se se escutam. Acontece que vários se dedicam ao mesmo trabalho, mas não sabemos se realmente existe ajuda mútua.» (PIAGET, p. 42)

Antes de apresentarmos outras características deste período, fazemos a seguinte questão sobre o «falar para si próprio estando em grupo», e ou o «falar para si, na ausência de outro ser humano»: Não seriam estas atitudes pertinentes à essência do sistema econômico da sociedade capitalista em que vivemos? Ou seja, quantas e quantas vezes, não somos reconhecidos pelo «outro» e vemo-nos obrigados, tal como inúmeros depoimentos dos participantes da nossa pesquisa indicaram, a conversar conosco e a ouvir como respostas somente aquilo que nos é dito por nossa fala interior?

Resgatando uma das situações que presenciamos nas escolas envolvidas na nossa tese, exemplificamos: «*Eu falo em sala de aula com ele (o professor) e ele finge que não entende a minha pronúncia*» (Fragmento de depoimento de uma aluna de pós-graduação em Paris).

Ainda com relação às características do segundo período de vida do ser humano, segundo o eminente psicólogo suíço, a criança, entre 2 e 7 anos, envolve-se plenamente com o «jogo simbólico», categoria que indica o «jogo de casinha» ou «o jogo de bonecas», atividades nas quais, verifica-se o «faz-de-conta».

Neste ponto da exposição, lembramo-nos de uma aluna cabo-verdiana que freqüentava a escola sueca para imigrantes em Gotemburgo. Durante as aulas de aprendizado da língua sueca, ela afirmou-nos que estudava na primeira classe há muitos anos. Ela não fazia a menor questão de aprender, procurava apenas beneficiar-se da bolsa de estudos concedida pelo governo escandinavo a alunos estrangeiros. Não seria esta situação, um jogo de «faz-de conta», entre tantos outros que conhecemos na vida cotidiana?

Outra característica pontuada na obra « *Seis estudos de Psicologia* », ainda do segundo momento de vida do ser humano é o « animismo infantil ». Para as crianças nestas fases de suas vidas, as coisas são vivas e dotadas de intenção.

Perguntamo-nos : E os sujeitos da nossa pesquisa, não eram adeptos do « animismo adulto » ? Respondemos : sim. Recordemo-nos das inúmeras religiões, seitas etc que se disseminam nos dias de hoje, como também, mencionemos: os amuletos, os fetiches, as superstições e toda a sorte de crendices, cujas práticas têm aumentado significativamente nos dias de hoje.

Ressaltamos ainda que segundo o importante psicólogo suíço, a criança de 2 a 7 anos faz afirmações o tempo todo sem demonstrá-las, apresentando rigidez e irreversibilidade do pensamento. Ou seja, constata-se nelas uma intuição pré-lógica.

Em sentido semelhante, referimo-nos a uma das mulheres que participaram da nossa pesquisa. Ela fazia pós-doutorado em Paris e afirmava o tempo todo, sem demonstrar, que o seu marido, no Brasil, deveria estar se relacionando com outra mulher enquanto ela realizava seus estudos em Paris. Não estaria esta pessoa pensando e agindo basicamente com uma criança de 4 anos ?

Finalmente, ainda nesta fase, as crianças utilizam « pseudomentiras », dito de outro modo, mentiras que não são tão mentirosas. Perguntamos : quando Sueli, nome fictício, moradora há dez anos em Gotemburgo, não se lastimava para a sua família, no Rio de Janeiro, pelo incômodo que sentia referente ao alcoolismo do seu marido, sendo que a família já o conhecia. Não estariam, ela e sua família, compactuando da mesma pseudomentira ? Acreditamos que sim.

## A SEGUNDA INFÂNCIA

Ao pensarmos a respeito do terceiro período proposto por Jean Piaget, *da infância de sete a doze anos*, destacamos o nascimento da cooperação e da autonomia pessoal, em oposição à moral intuitiva de heteronomia característica das crianças.

Ao destacarmos a primeira destas características (cooperação), como elemento para refletirmos sobre o ideal de « idade adulta », podemos afirmar que, caso ela existiu realmente em alguma etapa do desenvolvimento de muitos seres humanos, eles deixaram-nas de lado ao crescerem. Basta observarmos o contexto mundial. Muitos sujeitos da nossa pesquisa constituem-se em uma pequena amostra da enorme falta de cooperação existente entre as nações, entre os diversos grupos étnicos. Exemplifico com duas situações nas quais nossos sujeitos foram testemunhos vivos: a existência de inúmeros angolanos imigrados na Suécia pela ininterrupta guerra civil que destrói este

país e ainda, a situação de miséria que assola boa parte da região nordeste do Brasil, expulsando milhões de pessoas para São Paulo. Questionamos : Teriam os homens, ditos adultos, esquecido da cooperação que construíram entre 7 e 12 anos ?

Assim, com relação a autonomia que os seres humanos adquirem nesta mesma faixa etária, lembramo-nos de dona Aparecida, uma das alunas de ensino supletivo que fez parte do nosso trabalho de doutorado ; ela seguia fielmente as instruções recebidas do pastor da igreja evangélica que freqüentava. Perguntamo-nos, onde estaria sua autonomia ?

### A ADOLESCÊNCIA

Passemos agora a discutir a *adolescência*, utilizando mais uma vez as contribuições legadas por Jean Piaget. O autor afirma que neste período da vida que se inicia por volta dos 12 anos, a criança ou melhor, o adolescente crê na onipotência da sua reflexão. Ele afirma:

« Um professor francês, entregando-se a pesquisa discreta e anônima sobre as fantasias dos alunos de uma classe de 15 alunos, encontrou entre os meninos mais tímidos e sérios, futuros marechais de França ou presidentes da República, grandes homens de todas as espécies, alguns já vendo suas estátuas nas praças de Paris, em suma, indivíduos que, se tivessem pensado alto, teriam sido suspeitos de paranóia. » (PIAGET, p. 67)

Seria certo afirmar que, com relação aos “adultos” (i)migrantes da nossa pesquisa, não existem, ou existiram, sonhos grandiosos em suas cabeças? Não chegamos a indagar diretamente os sujeitos do nosso trabalho: Mesmo assim, sabemos que muito deles ao emigrarem tiveram em suas mentes a imagem do Eldorado. Ou ainda, vários deles não sonham com o retorno à sua terra natal em uma situação social, com um *status* muito superior ao da sua partida?

### JANUS: O SÍMBOLO DOS “ADULTOS”?

Sendo assim, supomos que, em muitas situações da sua vida, classificada como a idade adulta inclusive, o ser humano continua a sonhar com o “impossível”, mesmo porque nosso sistema favorece ideologicamente a crença no dom, no mérito e no trabalho permitindo que alguns poucos “vencedores” sobrevivam às armadilhas deste sistema econômico e social excludente.

Segundo Piaget, o adolescente prepara-se para inserir-se na vida adulta. Pensamos que com isto ele quer dizer, que o mesmo prepara-se para o ingresso na universidade, na busca de profissão, ou ainda, na constituição de uma família. Neste ponto da nossa exposição, questionamos: de qual adolescente Piaget nos fala? Com certeza ele não se refere ao menino de 8 anos que trabalha como cortador de cana no nordeste, e muito menos, ao supra-escolarizado em língua portuguesa que não consegue o emprego que poderia ter encontrado no Brasil, tornando-se babá com título universitário nacional em Paris.

Feitas estas considerações e na tentativa de alcançar o objetivo deste artigo, perguntamo-nos: existiria de fato um homem adulto, ou seja, um homem que tivesse: maturidade, autonomia, cooperação, pensamento lógico... e que não tivesse: sonhos extraordinários para seu futuro, medos inexplicáveis e se considerasse em constante evolução? Respondemos: Não, não existe este homem; existem sim, fases da vida do ser humano nas quais ele vem a ter o perfil descrito nas quatro etapas do desenvolvimento infantil.

Sendo assim, concordamos com Pierre Furter quando ele nos diz em sua obra “Reflexão e Educação” que o ser humano pode ser definido como um ser inacabado. Assim, acrescentamos que sendo a criança um ser humano; tal qual o adulto, o adolescente e o jovem, todos, portanto inacabados, incompletos, em busca da perfeição, não se faz possível denominar, da maneira como tem sido feito, as etapas da vida do Homem no nascimento à morte. Podemos analisar, categorizar, indicar... diversas maneiras de agir, pensar e sentir vivenciadas por qualquer ser humano, isto sem atribuir-lhe este ou aquele rótulo que indica apenas um ideal - padrão de normalidade para o adulto e portanto, motivo de discriminações pessoais e neuroses - que nunca vai ser alcançado.

Furter afirma também que o homem, por ser inacabado, tende à perfeição. A educação é, portanto, um conjunto de modificações que formam um processo contínuo de formação que só acaba com a morte. Para este pensador, deve-se admitir uma concepção outra de maturidade. Ou seja, não podemos afirmar, como tantos querem e o fazem, que a criança é um ser imaturo que caminha para a maturidade que é alcançada na idade adulta. Podemos falar que o homem é pré-maturo e que vive em contínuo estado de aprendizagem, de amadurecimento independentemente do tempo bio-cronológico que não pára.

Por isso, a educação de adultos tem sentido. O mesmo continua aprendendo. Não é possível, pois, dividir a vida humana em duas partes distintas: o tempo da aprendizagem (da infância e da adolescência) e o tempo da maturidade, no qual se goza o aprendido. Assim, a própria noção de maturidade torna-se indefinida, podendo

mesmo desaparecer, segundo certos autores, dando lugar à noção de maturação contínua. Sendo assim, ainda segundo Furter, o adulto é, também, um ser aperfeiçoável, perfectível, mesmo dentro dos seus limites e limitações e, a capitalização das suas experiências lhe impõem a possibilidade de modificar seu futuro em busca do equilíbrio.

Sabemos também que, ao longo da história do Homem, tem-se feito uma associação estreita entre o avançar da idade e o declínio das forças. Hoje, esta relação tem sido discutida, pois sabemos que, com o desenvolvimento da Gerontologia, abrem-se perspectivas novas para o homem em cada idade, ou seja, novas possibilidades de realização e aperfeiçoamento. Portanto, a concepção tão comum de “oslerismo”, segundo a qual a velhice é forçosamente uma degenerescência, deve ser eliminada, por ser uma visão pessimista *a priori* e não científica do curso da vida humana.

Em suma, o homem é um ser que aparece imperfeito e inacabado no mundo. Seu destino, pela sua história pessoal, é ascender à plenitude.

Sendo assim, não há possibilidade de definirmos “ser adulto”. Podemos apenas falar em “momentos de vida” aos quais respondemos desta ou daquela maneira.

Podemos, em contrapartida, recorrer aos nossos sujeitos, migrantes especialmente nordestinos em São Paulo. Eles teriam poucas possibilidades de vida digna em seus locais de origem. Por isso, ou continuariam explorados em trabalhos insalubres, sem vínculo empregatício e de baixa remuneração, como os cortadores de cana em Pernambuco, os coletadores de sisal no interior da Bahia, vendo seus filhos na mesma situação, ou partiriam em busca de um espaço nesta Terra, emigrando, por exemplo, para São Paulo. Desta forma, não podemos ignorar esta situação, e portanto, apontamos o fator econômico como uma das principais causas dos movimentos migratórios, não a única, mas a fundamental.

Assim, para os migrantes na cidade de São Paulo, ou ainda, para as brasileiras nordestinas, com pouca ou nenhuma escolarização em língua portuguesa, que casaram-se com suecos, para obterem a permissão de emigrarem, o fator econômico, a luta pela sobrevivência no cotidiano, é mola expulsora destas pessoas de suas terras. Já, com relação aos brasileiros em Paris, o fator econômico, pelo menos entre os nossos entrevistados, não foi o motivo principal que os levou a deixarem o Brasil. Destacamos: a ditadura brasileira no final dos anos 70 e ainda, a possibilidade de estudos no exterior.

Sendo assim, recorremos à figura mítica do deus Janus, como símbolo da situação vivida por nossos sujeitos, (i)migrantes em situação de inserção. Tal personagem mitológica possui duas faces, uma que olha para o passado com suas perdas e rupturas decorrentes da migração, e outra, olhando para o futuro, cheio de riscos e perigos desconhecidos. Acrescentamos ainda à rede de significações que pode ser

atribuída a esta imagem, que o (i)migrante apresenta na interação, uma face no local onde ele chega, e outra, diferente, para o seu lugar de origem. Na primeira, a expressão facial é de pessoa cordata, submissa; já na segunda, a face é do vencedor, do corajoso; uma face de opressor, outra de oprimido. Sendo assim, a peça de bronze de 9,4 cm de altura que permaneceu na mesa de trabalho de Freud, durante os últimos anos de sua vida, é essencial para nossa reflexão. Tratava-se de um balsamário etrusco do século II a. C., composto por uma cabeça de duas faces, uma masculina e outra feminina, representando a *unidade clivada pela dualidade*. Ou ainda, a cabeça de Janus feita de pedra que ele possuía em 1899, deus romano representando igualmente a dualidade em suas mais diversas formas - o belo e o feio, o novo e o velho, e, mais essencialmente, o masculino e o feminino, pode ser considerado um símbolo da constituição do ser humano desde a mais tenra idade até os últimos dias de sua vida.

### BIBLIOGRAFIA

FURTER, Pierre. *Educação e reflexão*. 5ª edição. Petrópolis : Editora Vozes Limitada, 1978.

PIAGET, Jean. *Seis estudos de Psicologia*. 14ª edição. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

SILVA, Nilce da. *Falar, ler e escrever : um estudo sobre o processo de formação de adultos lusófonos em situação de pouca escolarização*. São Paulo; 2002. Tese (doutorado)- Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.